

## PERCORRENDO CAMINHOS ALTERNATIVOS: UM OLHAR SOBRE O JORNALISMO CIENTÍFICO

Mirian Barreto LELLIS, (UFMT)<sup>1</sup>  
Benedito Dielcio MOREIRA, (UFMT)<sup>2</sup>

**Resumo:** Na condição de contraponto em que as mídias atuais se encontram, as complexas relações tecnológicas, econômicas e socioculturais convidam o jornalismo tradicional a reconfigurar seus processos produtivos e epistemológicos. Assim, o jornalismo científico se apresenta como um caminho propício à compreensão pública da Ciência e Tecnologia, configurando-se como um agente (in)formador no processo de difusão de conhecimento. O trabalho propõe discutir uma publicação do jornalismo científico no site do jornal *Nexo*, cujo conteúdo se beneficia do modelo de narrativa transmídia. O portal de notícias analisado é considerado uma iniciativa de uso democrático e igualitário para a renovação do jornalismo hegemônico.

**Palavras-chave:** Jornalismo científico; Jornalismo alternativo; Narrativa Transmídia.

**Abstract:** As a counterpoint in which the current media meet and the complex technological relations, economic and sociocultural factors invite traditional journalism to reconfigure its productive and epistemological processes. Therefore, scientific journalism presents itself as a conducive path to public understanding of Science and Technology configuring itself as an agent (in) trainer in the process of diffusion of knowledge. The paper proposes to discuss a publication of scientific journalism on the website of the newspaper *Nexo*, whose content benefits from the model of transmedia narrative. The analyzed news portal is considered an initiative of democratic and egalitarian use for the renewal of hegemonic journalism.

**Keywords:** Science Journalism; Alternative Journalism; Transmedia Storytelling.

### Introdução

A cada dia vem crescendo a cobertura científica em veículos impressos e eletrônicos, assim como a divulgação de *papers* e artigos, tanto os chamados artigos publicados em jornais e sites de notícias e em reportagens nas tevês e no YouTube, como os artigos científicos publicados em revistas científicas abertas, com acesso ao público em geral. Este crescimento deve-se à percepção dos cientistas, jornalistas e

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea pela UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. Integrante do Grupo de Pesquisa Multimundos Brasil. E-mail: [mirian.lellis@gmail.com](mailto:mirian.lellis@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Educação, professor associado na UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea. Integrante do Grupo de Pesquisa Multimundos Brasil. E-mail: [dielcio.moreira@gmail.com](mailto:dielcio.moreira@gmail.com)

educadores em compreender a necessidade de propagar informações e/ou conhecimento sobre a produção científica, de modo que a sociedade possa acompanhar o quanto a ciência faz parte do cotidiano. Isso demonstra, por exemplo, a consciência da importância da democratização da informação científica e a responsabilidade social de cientistas e comunicadores.

Observamos um movimento atípico de investigação nas áreas de Comunicação e Sociologia que têm se dedicado ao estudo da relação entre mídia e ciência no âmbito da divulgação científica (BURKETT 1990; BUENO, 2009, 2010). A ideia norteadora é de que o entendimento público da Ciência e Tecnologia é favorecido pela divulgação científica nos canais de comunicação, sendo este um importante mediador responsável por informar/formar.

É preciso atentar que o Jornalismo Científico<sup>3</sup> diz respeito ao noticiário de ciência e tecnologia pelos meios de comunicação, segundo os critérios e o sistema de produção jornalística. Contudo, é possível encontrar, textos, artigos ou materiais sobre temas de ciência e tecnologia e que não podem ser considerados jornalismo científico, exatamente porque não são, em princípio, jornalismo. Exemplo: anúncios, fascículos (campo da editoração), resenhas e publicidades. Portanto, nem tudo que fala sobre ciência e está escrito em jornais ou revistas é jornalismo científico, mas representa um esforço de divulgação científica. Assim como os museus, por exemplo, importantes espaços de informação científicas nos campos da arqueologia, biologia, cultura, entre outras áreas do conhecimento.

Apesar de a divulgação científica se aproximar muito do jornalismo científico, não são a mesma coisa, mas ambos informam a população (CORREIA, 2015), democratizam informações de cunho científico, como por exemplo descobertas e desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, inovações de tecnologias e métodos, entre outros. O jornalismo científico, portanto, é uma das formas de divulgação científica, assim como são os livros didáticos, filmes documentários etc. O que difere realmente um do outro é o fato de que o jornalismo científico, sendo um caso particular, obedece ao padrão jornalístico de produção de informação, conforme explica Bueno (1984). O

---

<sup>3</sup> Jornalismo científico “é o instrumento mais eficaz de popularização do conhecimento científico, possibilitando sua apropriação pela sociedade e servindo de ferramenta de educação para a ciência. Também definido como a especialização da atividade jornalística direcionada para cobertura de ciência e tecnologia (C&t)” (PENA 2005 apud RITTON, p.109).

cenário que se forma no jornalismo atual mostra que é crescente o número de pessoas que acessam as plataformas de jornais online diariamente em busca de informações, o que apontam para uma tendência de preferência a outras mídias noticiosas, além das tevês (PAVLIK, 2014)<sup>4</sup>.

Essa adesão à mídia digital é a materialização da convergência – conceito desenvolvido por Henry Jenkins (2008) – que promove a reconfiguração e transformação do sistema midiático, especialmente na estética e linguagem dos meios (BARBOSA, 2013), em especial as narrativas transmídias, processo que "diz respeito, sobretudo, à não transposição dos mesmos conteúdos para os diversos Meios", já que "cada um possui sua linguagem e características específicas" (BARBOSA, 2009, p.37). Esse conceito é usado por vários pesquisadores (MOLONEY, 2011; SOUZA, 2011; SCOLARI, 2013; RYAN, 2015). O jornalismo também busca uma aproximação com o fenômeno da transmídia.

Esse ambiente de convergência é caracterizado pela instantaneidade, hipertextualidade, interatividade, multimídia, personalização, memória e ubiquidade (CANAVILHAS, 2014) - aspectos que este texto considera em sua discussão. A partir disso, propomos traçar algumas percepções acerca do conteúdo científico na narrativa transmídia elaborada pelo site *Nexo*. A hipótese é de que a plataforma em questão é considerada iniciativa de uso democrático e igualitário para a renovação do jornalismo hegemônico. O *Nexo*, idealizado por “Paula Miraglia, cientista social e doutora em antropologia social, Renata Rizzi, engenheira e doutora em economia, e Conrado Corsalette, jornalista que já foi editor de política do Estadão e de cotidiano da Folha de S. Paulo” (NEXO, online), se define como “um jornal digital para quem busca explicações precisas e interpretações equilibradas sobre os principais fatos do Brasil e do mundo” (NEXO, online). O *Nexo* conta com site, plataformas de redes sociais, como Facebook e Twitter, e newsletters. Segundo estimativas da SimilarWeb<sup>5</sup>, o site teve, em julho de 2017, 1,4 milhão de visitas.

---

<sup>4</sup> PAVLIK, John V. Ubiquidade: o 7.º princípio do jornalismo na era digital. In: CANAVILHAS, João (Org.). **WebJornalismo: 7** Características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCOM, 2014 Disponível em: <  
[https://www.researchgate.net/publication/281229773\\_Reconfiguracoes\\_do\\_jornalismo\\_das\\_paginas\\_impressas\\_para\\_as\\_telas\\_de\\_smartphones\\_e\\_tablets](https://www.researchgate.net/publication/281229773_Reconfiguracoes_do_jornalismo_das_paginas_impressas_para_as_telas_de_smartphones_e_tablets)> Acesso em: 10 dez. 2018.

<sup>5</sup> SimilarWeb é uma plataforma da companhia de tecnologias de informação chamada SimilaWeb Ltd. Fundada em março de 2009, fornece serviços de análise, estatísticas e mineração de dados.

Isto posto, propomos discutir neste texto uma publicação tida como conteúdo de narrativa transmídia no *Nexo*. Atentando-nos quanto a algumas características do jornalismo que, de acordo com Marques de Mello (1983), Burkett (1990), Traquina (2005), são também essenciais ao jornalismo como por exemplo noticiabilidade, atualidade, periodicidade, universalidade e relevância social. Além dos conceitos e elementos norteadores do formato transmídia, conforme discutidos por Jenkins (2009), Norris (2015), Scolari (2013), Ryan (2015).

### **Caminhos alternativos para o Jornalismo da nova Era**

Na condição de contraponto em que as mídias tradicionais se encontram, as complexas relações tecnológicas, econômicas e socioculturais convidam o jornalismo tradicional a reconfigurar seus processos produtivos e epistemológicos, dado que “não há como preservar ou restaurar o formato do jornalismo que tem sido praticado nos últimos 50 anos” (ANDERSON et.al 2013). Os autores fazem uma referência ao jornalismo tendencioso e venoso praticado por grandes mídias, conforme alerta também Cavalcanti (1993) acerca dos interesses econômicos e políticos que perseveram em parte das grandes empresas de comunicação.

Nesse sentido, pesquisadores como Souza & Silveira (2017), Slaverría (2015), Kolodzy (2009) entre outros compreendem que o processo informacional contemporâneo exige uma nova forma de pensar, produzir e distribuir a notícia, haja vista a grande diversidade de público, conteúdos científicos e tecnologias dispostas em requerendo, assim, a distribuição de conteúdos em multiplataformas. Nesse processo de convergência tecnológica, há também a integração de forças para que o jornalismo científico seja em diferentes linguagens e tenha o alcance desejado. Assim, a união de ferramentas, métodos de trabalho, linguagem e novas narrativas constituem elementos influentes nos novos caminhos da comunicação.

Desse modo, seguimos a compreensão de Bueno (1984, 2010) e Costa (2014), que entendem a divulgação científica como um caminho propício à compreensão pública da Ciência e Tecnologia, configurando-se como um agente (in)formador no

processo de difusão de conhecimento. Nesse intento, há várias compreensões sobre divulgação científica, entre elas citamos:

A divulgação científica tem múltiplos objetivos, entre eles, auxiliar as atividades educacionais com artigos que sejam de interesse dos estudantes. Ela pode ser realizada de muitas formas diferentes mas, sempre que possível, em parceria com os cientistas para que a informação tenha conteúdo e credibilidade. As formas mais tradicionais de divulgação são textos, vídeos, feiras, palestras e museus, mas também se pode disseminar o conhecimento científico através das novas tecnologias como *blogs*, *twitter*, portais, *facebook* etc. (TORRESI; PARDINI; FERREIRA, 2012, p. 35).

Reforçamos tal entendimento sobre divulgação científica com a definição de Bueno (1984):

[...] o conceito permite abranger os periódicos especializados, os bancos de dados, os sistemas de informação acoplados aos institutos e centros de pesquisa, os serviços de alerta das bibliotecas, as reuniões científicas (congressos, simpósios seminários), as seções especializadas das publicações de caráter geral, as páginas de ciência e tecnologia dos jornais e revistas, os programas de rádio e televisão dedicados à ciência e tecnologia, o cinema dito científico e até os chamados colégios invisíveis (BUENO, 1984, p.14-15).

E mais recentemente, Wilson Bueno afirma que a “divulgação científica compreende a (...) utilização de recursos, técnicas, processos e produtos (veículos ou canais) para a veiculação de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações ao público leigo” (BUENO, 2010, p. 2).

À vista do exposto, mesmo que os conceitos apresentados possuam características comuns, pois eles se referem à disseminação de informações sobre ciência, tecnologia e inovação (CT&I), os conceitos têm particularidades diferentes entre eles, como: “o perfil do público, o nível de discurso, a natureza dos canais ou ambientes utilizados para sua veiculação e a intenção explícita de cada processo em particular” (BUENO, 2010, p. 2). Dentre os aspectos citados, chamamos atenção para o “ambiente de veiculação”, haja vista que a divulgação científica, entre tantos canais de propagação, se promove também a partir da imprensa - daí surge a confusão com o jornalismo científico.

Na compreensão de Bueno (2010), a divulgação científica não pode compreender um território fixo e delimitado em um só canal ou uma só mídia, ela é

expansível e moldável a vários campos e atividades. Num conceito deleuziano, a divulgação científica é rizomática, são braços de fluxos contínuos que se abrem em novas articulações abarcando novos elementos, caminhos, conceitos, etc, num devir constante, pois, “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 15).

Assim, a divulgação científica desempenha um papel importante no processo de “ensino-aprendizagem” da ciência, pois já não se trata apenas de investigar – atividade preponderante do cientista, mas sim de divulgar os fenômenos investigados, levar ao conhecimento de todos, tornando a informação científica, portanto, um bem comum, “uma importante função social, pois contribui para diminuir o fosso existente entre o homem comum e a elite científica e tecnológica”, como afirma Gomes (2000, p. 2).

A divulgação científica tem sido bastante favorecida pelas novas tecnologias, “que estimulam e potencializam a implantação de ambientes (...) disponibilizando gratuitamente seu conteúdo integral”, entendimento de Bueno (2010, p. 6), como é o caso das Revistas Indexadas. Desde a internet, a divulgação científica, assim como a comunicação, vem passando por mudanças significativas em busca da popularização da ciência, num esforço em conjunto com o jornalismo, a fim de interagir com o público leigo. Desse modo, Bueno (2010, p. 7) vê avanços nas iniciativas das mídias que “contemplam a parceria entre comunicação e divulgação científica e, mais especificamente, a relação entre cientistas/pesquisadores e jornalistas/divulgadores”.

### **O novo modelo de jornalismo: O *Nexo***

A internet se beneficia da convergência entre texto, som e imagem em movimento (CANAVILHAS, 2001) e o jornalismo da nova era explora essas potencialidades no universo digital e se adapta às indagações da sociedade, que exige cada vez mais transparência, imparcialidade e notícias de qualidade e a abordagem de “assuntos que sejam importantes para a sociedade e tornem os cidadãos protagonistas deste debate” (SLAVERRÍA, 2016, p. 27).

O *Nexo* surgiu em 2015 num cenário de intensa crise econômica e política - culminando no impeachment da então Presidenta da República, Dilma Rousseff. O descontentamento da população e o desgaste na imagem do Brasil no exterior, a

disseminação de *fake news*, ajudaram a polarizar opiniões. Esse contexto se estendeu à mídia tradicional brasileira que passou por um período de descrédito por parte da população. A conjuntura descrita serviu de pano de fundo para a busca de “novos modos de fazer jornalismo” que, segundo Kung (2015), possuem “características inovadoras comuns percebidas em organizações digitais” e são definidas em: “propósito singular; foco estratégico; cultura pró-digital; interação entre jornalismo e tecnologia; pioneirismo” (KUNG, 2015 *apud* SOUZA, SILVEIRA, 2017, p. 1).

Corroborando com essas características, Alves (2015) pauta outras características, tais como abundância de informação, comunicação horizontal/multidirecional, canais multimídias, conversação, audiência ativa e produtor-consumidor (*prosumers*). Para o pesquisador essas particularidades do jornalismo do ecossistema digital apontam para vários aspectos que transformaram o processo de comunicação e produção de conteúdo.

Segundo as características descritas por Kung (2015) e Alves (2015), o jornal *Nexo* se insere no novo modo de fazer jornalismo, inovando e destacando-se dos demais jornais. Dentre os destaques, elencamos o seu pioneirismo como modelo de negócio alternativo, já que o jornal não possui publicidade em suas redes, optando apenas por receita direta, vinda dos assinantes. O jornal segue um modelo conhecido como *Paywall flexível*<sup>6</sup>, nele o *Nexo* “não faz e nem nunca fez uso de publicidade de empresas privadas ou do poder público (...) a publicidade (...) deixa de ser a principal fonte de renda do jornal (...) está totalmente ausente da plataforma” (FARIAS et. al, 2018, p. 3). Esse novo modo de fazer jornalismo, pautado no atual modelo de negócios, carrega consigo um olhar moderno para a comunicação e para o mercado.

### **Conteúdo de jornalismo transmídia em *Nexo***

O *Nexo* investe em abordagens originais e detalhadas, explora as ferramentas multimídia como infográficos, podcast, vídeos, hipertextos e outros recursos que tornam as informações mais atrativas ao público e auxiliam os jornalistas na transmissão do

---

<sup>6</sup> O *paywall flexível* ou *poroso* permite ao usuário não-assinante ler um número restrito de matérias por mês de forma gratuita. Caso queira ler mais textos, o usuário precisa pagar a assinatura. É considerado um modelo inteligente, por não afastar totalmente os leitores como em outros modelos como o *paywall hard*.

conteúdo. O jornalismo desenvolvido pelo *Nexo* pode ser melhor definido e incluso na modalidade de jornalismo explicativo ou de contexto, pois busca “uma explicação e interpretação de eventos complexos e fenômenos localizados em um contexto social, político e cultural”, segundo entende Forde (2007, p. 227). Esse jornalismo não se detém apenas ao *lead*, ele tende a apresentar as informações de modo a complementá-las e explicá-las, utilizando recursos estilísticos e visuais que proporcionam interações com o leitor na medida em que os fatos são contados. Esse gênero pode não ser inovador, pois surgiu na década de 30, contudo, o que o torna arrojado é a forma como o veículo se utiliza dele e tem ganhado espaço com a produção de conteúdo.

A narrativa transmídia “descreve uma lógica para pensar o fluxo de conteúdo por entre meios. Nós também podemos pensar em propaganda transmídia, performance transmídia, rituais transmídia, jogos transmídia, ativismo transmídia, espetáculos transmídia e em outras lógicas” (JENKINS, 2011). Desse modo, pensamos também em jornalismo transmídia, um produto que vem inovar e potencializar a experiência do leitor, ao que Rosental Calmon Alves (2015) chamou de “ecossistema digital”.

A partir das observações, o jornalismo do *Nexo* pode engendrar um caminho alternativo na nova forma de fazer comunicação, especialmente pelo discurso claro e objetivo, construído sob neutralidade, características fortalecedoras do jornalismo explicativo e anunciadas por Forde (2007), Slaverría (2010) e mais recentemente, Norris (2015). Nesse sentido, buscamos exemplos<sup>7</sup> de narrativa transmídia de conteúdo científico elaborado pelo site do Jornal *Nexo*. Levamos em consideração aspectos elencados por Canavilhas (2013) e Scolari (2013) que versam sobre instantaneidade, hipertextualidade, interatividade, personalização e multimídia (infográficos, mapas, vídeos, podcast, ilustrações) que, somados à linguagem do jornalismo explicativo, enriquecem os conteúdos do site e possibilitam novas maneiras de construção noticiosa.

Essa forma de “contar” uma pesquisa tal como contamos uma história em nosso cotidiano, é uma maneira de materializar a transmídia, que é “uma nova estética que

---

<sup>7</sup> Enfatizamos que o referido estudo não se deteve em um período fixo, tendo em vista que a referida seção não possui uma periodicidade estabelecida, podendo ser compreendida como de alimentação contínua. Contudo, dedicamos atenção aos aspectos que consideramos de suma importância para este texto, como: tema “divulgação científica”, a estrutura dos títulos, a linguagem e os recursos visuais utilizados.

surgiu em resposta à convergência das mídias – uma estética que faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento” (JENKINS, 2009, p. 47). A transmídia no *Nexo* permite modernizar e variar a abordagem do produto noticioso e, assim, manter o público envolvido com as informações.

A partir do exposto, selecionamos uma publicação para compreendermos como a plataforma de conteúdo científico do *Nexo* produz jornalismo de narrativa transmídia. A matéria escolhida é intitulada de “Vacinas: as origens, a importância e os novos debates sobre o seu uso”<sup>8</sup> e foi publicada em julho de 2016, um momento de muita discussão sobre as vacinas no Brasil. De acordo com dados do CONASS<sup>9</sup>, esse período foi alarmante em relação à queda de imunização às doenças como sarampo, poliomielite, HPV, entre outras. O mesmo período também mostrava o aumento dos casos de dengue e a comercialização da Dengvaxia, primeira vacina contra a dengue disponível no Brasil. O momento descrito é a base para o desenvolvimento da matéria jornalística, que cumpre com os critérios de noticiabilidade e também abre precedente para os aspectos da narrativa transmídia, que passaremos a discutir, utilizando como guia a imagem a seguir.

Figura 1

---

<sup>8</sup> Disponível em: < <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2016/07/22/Vacinas-as-origens-a-import%C3%A2ncia-e-os-novos-debates-sobre-seu-uso>> Acesso em: 05 dez 2018.

<sup>9</sup> CONASS - Conselho Nacional de Secretários de Saúde Disponível em: <http://www.conass.org.br/queda-da-imunizacao-no-brasil/> Acesso em: 07 dez. 2018.

EXPLICADO

## Vacinas: as origens, a importância e os novos debates sobre seu uso

Beatriz Montesanti 22 Jul 2016 (atualizado 02/Mai 16h15)

As substâncias foram grandes responsáveis por reduzir drasticamente a incidência de doenças graves no mundo, porém ainda enfrentam resistência de pessoas contrárias à sua aplicação

### NESTE TEXTO:

O QUE são vacinas? **1**

QUANDO as vacinas foram criadas?

QUEM produz vacinas?

QUAIS são as vacinas mais esperadas atualmente?

QUAL o caminho das vacinas até a população?

COMO funciona o Programa Nacional de Imunizações?

POR QUE existem pessoas que são contrárias às vacinas?

NO MUNDO: O papel da OMS

EM ASPAS: o debate público sobre as vacinas

NA ARTE: documentário e livros sobre as vacinas

Vá mais fundo

6 📧 📱 🌐 📧

FOTO: KENNY KATOMBE/REUTERS

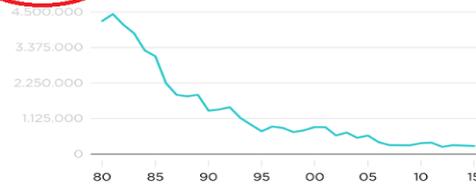


CRIANÇA É VACINADA DURANTE CAMPANHA CONTRA A FEBRE AMARELA, EM KISENSO, NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO, EM JULHO DE 2016

Fundamentais para o combate a doenças na história da medicina, as vacinas estão também no epicentro de debates sobre tratamentos medicinais efetivos e leis compulsórias de vacinação.

### 3 INCIDÊNCIA DE SARAMPO NO MUNDO

Casos de sarampo por ano



Fonte: Organização Mundial da Saúde

NEXO

### 2 QUAIS são as vacinas mais esperadas atualmente?

O desenvolvimento da vacina contra HIV também está em andamento. Em março, a empresa francesa Biosantech apresentou resultados preliminares de uma vacina experimental contra o vírus causador da Aids. A vacina poderá ser usada, no futuro, junto com o coquetel antirretroviral.

Outros institutos de pesquisa pelo mundo também têm se dedicado à questão. Recentemente, dois estudos, um publicado pela "Science" e outro pela "Nature", mostraram que anticorpos potentes, retirados de pacientes que têm uma resistência maior, podem ser clonados e usados para combater o vírus.

### 4 documentário e livros sobre as vacinas

#### "The Greater Good"

Documentário premiado conta a história de famílias cujas vidas mudaram devido à vacinação.



#### "Vaccinations: A Thoughtful Parent's Guide"

Livro traz as informações que pais precisam ter na hora de decidir quando e como vacinar os filhos.

#### "A Revolta da Vacina"

Obra reconstitui os episódios de uma das maiores revoltas sociais do Rio de Janeiro.

### 5 Vá mais fundo

Site da College of Physicians of Philadelphia se dedica integralmente ao tema

Calendário Nacional de Vacinação

40 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma conquista da Saúde Pública brasileira

Fonte: Site Nexo

O item 1 da imagem mostra que o texto é construído sob perguntas norteadoras, que são respondidas à medida que as informações evoluem. As perguntas direcionam o público quanto aos fatos abordados no texto e proporcionam caminhos que são explorados conforme o desejo do leitor, que pode se apropriar das informações na sequência do texto ou apenas ir direto ao ponto que mais lhe interessa. Esses recursos dão caráter dinâmico ao conteúdo e compõem o jornalismo de explicativo que, a partir do *lead*, se concentra em informar o leitor do "Como e porque", como entende Norris (2015).

Outro ponto importante sobre transmídia para Jenkins (2008) e Scolari (2014) é a qualidade das inter-relações, já que “o essencial é que na obra exista uma intertextualidade radical – ou seja, que as diferentes partes estejam conectadas entre si de algum modo, a qual tem a ver com o conceito de multimodalidade e com o fato de ser desenhado para uma cultura em rede” (SCOLARI, 2014, p. 34, *tradução nossa*). Esse aspecto é visível na publicação, especialmente nos itens 2 (hipertexto), 4 (recurso de vídeo – documentário)<sup>10</sup>, 5 (link com outras páginas e conteúdos) e 6 (link de compartilhamento nas redes sociais).

A narrativa transmídia é composta por categorias que Scolari (2014) chama de Transtextualidade<sup>11</sup> e se subdivide em: intertextualidade, paratextualidade, hipertextualidade, metatextualidade e arquitextualidade. Nessa discussão nos deteremos especialmente às três primeiras categorias.

[...] a intertextualidade é baseada na presença de um texto dentro de outro, o paratexto é o "pórtico" ou "entrada" que oferece ao leitor "a possibilidade de entrar ou voltar" [...] Paratextos podem ser introduzidos antes, durante ou depois do texto principal [...] Hipertextualidade é a superimposição de um texto posterior sobre um anterior” (SCOLARI, 2014, p. 2389, *tradução nossa*)

Nesse sentido, a intertextualidade presente nas imagens e recursos visuais proporciona a interação do leitor com o conteúdo. Os paratextos são percebidos nos títulos, subtítulos, intertítulos, são elementos que atuam como portas de entrada no texto e permitem ao leitor acessá-los ou não. O paratexto é observado nos itens 1 e 5 da imagem. Quanto à hipertextualidade que permite uma conexão interativa com outros textos de diferentes autorias e formatos, ela está presente em várias partes do texto e é representada no item 2 da imagem. Essas categorias juntas caracterizam a narrativa transmídia, pois é capaz de informar mais e melhor o público leitor (MALONEY, 2010).

Na transmídia “[...] diferentes objetos semióticos ou de mídia são entidades autônomas que podem ser consumidas separadamente, e não há necessidade de consumir todas elas: o usuário pode explorar a base de dados de forma mais ou menos minuciosa” (RYAN, 2015, p. 4). Assim, há momentos em que o texto se coloca à parte

<sup>10</sup> O documentário "The Greater Good" está disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=2&v=aH7DdnXPm2U](https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=aH7DdnXPm2U)> Acesso em: 09 dez 2018.

<sup>11</sup> Transtextualidade é "uma classe geral que incluiria toda forma de relação manifesta ou secreta entre textos" (SCOLARI, 2014, p. 2389, *tradução nossa*).

da narrativa principal e se transforma em gráficos (item 3), um recurso visual que é visto como outro elemento da transmídia e são compreendidos sozinhos ou junto ao texto.

Para Ford, Green e Jenkins (2014), a transmídia produz uma narrativa em série, onde o conteúdo se mantém e é reproduzido em diferentes formatos. Já Ryan (2015) é mais flexível e compreende que a transmídia não necessariamente produz uma narrativa em série, ela pode se caracterizar também por histórias autônomas ou não, mas que de alguma forma se ligam a um tema e proporcionam ao leitor conhecimentos diferenciados que se complementam a cada formato acessado. Desse modo, observamos que na publicação selecionada o aspecto descrito por Ryan se faz presente, são narrativas autônomas que mantêm uma ideia inicial e a partir dela outras narrativas ou informações são adicionadas a essa ideia por meio de hiperlinks, vídeos, gráficos e outros elementos.

Sobre os conteúdos de transmídia, Fehine (2013) propõe duas funções: propagação – funciona como retroalimentação do conteúdo, o que mantém o interesse do público na narrativa sem mudar a sua compreensão – e expansão, que são os desdobramentos ou complementações narrativas e podem ser observados nos comentários e compartilhamentos do conteúdo em diferentes redes. Essas características são bem destacadas na publicação do nexa pelo item 6 da imagem que dá acesso às principais redes de compartilhamento da internet.

Renó e Flores (2012) precedem os conceitos de Fehine (2013) e afirmam que o jornalismo padrão se difere do jornalismo da nova era especialmente pela interatividade, uma dinâmica que atrai e envolve o público. Compreendem ainda que, dentre os gêneros jornalísticos, a reportagem tem se apresentado como o gênero mais conveniente à narrativa transmídia, especialmente pela riqueza de conteúdos e estrutura textual que possibilitam diálogos com diferentes linguagens, outros gêneros e variados recursos. Isto posto, o jornalismo produzido pelo Nexa se enquadra nas características que competem à narrativa transmídia, além de moldar-se às novas formas de fazer jornalismo no ecossistema digital.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diferentes meios de transmitir um conteúdo ou simplesmente a Transmídia transformou a intercomunicação numa tendência mundial. A julgar pelas características e conceitos sobre transmídia descritos, ela pode ter várias interpretações e ser distribuída em diversos formatos, contudo, compreendemos que cada transmídia constrói, distintamente, seu universo não apresentando conteúdos repetidos e sim complementares.

Desse modo, o jornal em questão possibilita ver e conhecer pesquisas importantes por meio de diferentes elementos e mídia que formam o processo de transmídia. A articulação entre esses elementos reforça a função social e jornalística da mídia, potencializando a divulgação científica, a história, memória e outros saberes que os leitores experienciam. Compreendemos, assim, que o jornalismo científico é também um dos caminhos para a renovação do jornalismo, mesmo porque as informações científicas podem ser contextualizadas e mostradas em diferentes formatos e linguagens.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, C. W. BELL, Emily. SHIRKY, Clay. Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos. In: **Revista de Jornalismo ESPM**, n. 5, 2013. Disponível em:

[http://www.espm.br/download/2012\\_revista\\_jornalismo/Revista\\_de\\_Jornalismo\\_ESPM\\_5/](http://www.espm.br/download/2012_revista_jornalismo/Revista_de_Jornalismo_ESPM_5/) < Acesso em: 03 de setembro de 2018.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente**. 1984. 364f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Departamento de Jornalismo e Editoração, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

\_\_\_\_\_. COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: APROXIMAÇÕES E RUPTURAS CONCEITUAIS. In: **Informação & Informação**. Londrina, v. 15, n. esp, p. 1 - 12, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/6585/6761> Acesso em: 30 de novembro de 2018.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

BARBOSA, Suzana et al. A atuação jornalística em plataformas móveis. Estudo sobre produtos autóctones e a mudança no estatuto do jornalista. In: **Brazilian Journalism Research**, v. 9, n.2, p. 10-29, 2013.

CANAVILHAS, João. Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático. In: RENÓ, Denis; CAMPALANS, Carolina; RUIZ, Sandra; e GOSCIOLA, Vicente. **Periodismo Transmedia: miradas múltiples**. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2013.

CAVALCANTI, Fabiane M.C.G. Jornalistas e cientistas: os entraves de um diálogo. In: **INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, Vol. XVIII, nº 1, p. 140-152, 1995. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/885/789> . Assesso em: 30 de novembro de 2018.

CORREIA, João Carlos. **A teoria da comunicação de Alfred Schütz**. Lisboa: Horizonte, 2005.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra e Célia Costa. Vol.1 Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995

FECHINE, Yvana. Como pensar os conteúdos transmídias na teledramaturgia brasileira? Uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo. In.: LOPES, Maria Immacolata. **Estratégias de transmidiação na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FARIAS, Adélia. SOUSA, Alice. RODRIGUES, Rafael. Nexo Jornal: Um Novo Modelo de Negócio no Jornalismo. Anais: **XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2018**. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-1027-1.pdf>> Acessado em: 01 de novembro de 2018.

FORD, Sam. GREEN, Joshua. JENKINS, Henry. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

FORDE, K. Discovering the explanatory report in American newspapers. In: **Journalism Practice**, Vol. 1, No. 2, 2007, p. 227-244.

GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. **A Divulgação Científica em Ciência Hoje: características discursivo-textuais**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, 2000. Disponível em: <http://www.museudavidahomolog.fiocruz.br/brasilliana/media/tesedoutoradoisaltina-adobe.pdf> Assesso em: 30 de novembro de 2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

\_\_\_\_\_. **Transmedia 202: Further Reflections**. [s.l.]: Confessions of an Aca-Fan, 2011. Disponível em: <[http://henryjenkins.org/2011/08/defining\\_transmedia\\_further\\_re.html](http://henryjenkins.org/2011/08/defining_transmedia_further_re.html)> . Acesso em: 13 de set. 2018.

KOŁODZY, J. Convergence Explained. In: GRANT, A. E.; WILKINSON, J. S. (Orgs.). **Understanding Media Convergence**. New York: Oxford University Press, 2009.

MOLONEY, Kevin. **Future of Story: Transmedia Journalism and National Geographic's Future of Food Project**. 2015. 165 f. Tese (Ph.D.) - College of Engineering and Applied Sciences, University of Colorado Boulder, 2015.

MELO, José Marques de. **Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro**. São Paulo, Eca/USP, 1983 tese de livre docência 241 p.

NORRIS, Ashley. **What is explainer journalism?** Fipp, 1 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.fipp.com/news/opinion/what-is-explainer-journalism>> Acesso em 30 setembro 2018.

PENA, Felipe. **1000 Perguntas Jornalismo**. Coleção da Estácio de Sá. Rio de Janeiro: Rio, 2005.

RENÓ, Denis; FLORES, Jesus. **Periodismo Transmedia: Reflexiones y técnicas para el ciberperiodista desde los laboratorios de medios interactivos**. Madrid: Editorial Fragua, 2012.

RYAN, M. Transmedia Storytelling: Industry Buzzword or New Narrative Experience? In: **Storyworlds: A Journal of Narrative Studies**. Vol. 7, No. 2, Transmedial Worlds in Convergent Media Culture, 2015, pp. 1-19

SALAVERRÍA, R. **Mídia e jornalistas: um futuro em comum?** In: Revista Parágrafo: FIAM-FAAM. v.1, n.3. Jan/jun de 2015.

SCOLARI, Carlos. **Narrativas transmedia: Cuando todos los medios cuentan**. Barcelona: Duesto, 2013.

\_\_\_\_\_. **Don Quixote of La Mancha: Transmedia Storytelling in the Grey Zone**. International Journal of Communication 8 (2014).

SOUZA, Pedro Carlos Ferreira de. SILVEIRA, Letícia Lopes da. Experiências de Inovação no Jornalismo Digital: um estudo de caso do Jornal Nexô. In: **Revista Parágrafo**, n. 2, 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/504/524>>. Acesso em: 24 de novembro de 2018.

TORRESI, Susana I. Córdoba de.; PARDINI, Vera L.; FERREIRA, Vitor F. **Sociedade, divulgação científica e jornalismo científico**. Quím. Nova vol.35 no.3 São Paulo, 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.